

PAULICEIA DE ONTEM: O viver urbano na *Belle Époque* paulistana

NÁDIA CHRISTINA BRAGLIA*

A presente notícia de pesquisa faz parte da dissertação de Mestrado intitulada “*Pauliceia de Ontem: o viver urbano na Belle Époque paulistana*” e, tem como objetivo apresentar, em linhas gerais, alguns aspectos, do tema, do objeto e das fontes que serão analisadas no desenrolar da pesquisa.

O interesse pelo estudo do tema *belle époque* nasceu durante o curso de graduação ao se refletir sobre as transformações urbanísticas que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro, a capital federal em fins do século XIX, com o advento da República em 1889 e, se estendeu no curso de Pós - graduação – *Lato Sensu*, quando houve um incentivo dos professores para se estudar, dentro das disciplinas propostas, os temas de interesse de cada aluno.

Com esta dedicação ao tema, observou-se que boa parte dos estudos sobre as transformações urbanísticas, sociais e culturais na cidade de São Paulo no período da *belle époque*, foi encontrada na área de arquitetura e urbanismo.¹

Há exceções, porém, como o trabalho de Sevcenko, que analisa a cidade de São Paulo quando passava pelo *boom* de crescimento e urbanização entre 1890 e 1930 que a transformaria numa metrópole moderna.² Ou o valioso trabalho da jornalista Márcia Camargos sobre a cidade de São Paulo, *Villa Kyrial: Crônica da Belle Époque paulistana*, no qual a autora aborda a *belle époque* paulistana com minúcia e elegância através da atividade cultural de José Freitas Valle - o Senhor da Vila Kyrial. Em sua casa localizada na Rua Domingos de Moraes número 10, no ainda pouco povoado bairro paulistano de Vila Mariana de São Paulo – a *Villa Kyrial* – Freitas recebia em seus salões, nas décadas iniciais do século XX, políticos, pintores, escultores, poetas, músicos, cantores, atrizes, maestros, escritores, dentre eles Lasar Segall, Anita Malfatti, Sousa Lima, Villa-Lobos, Brecheret, Mario de Andrade e Oswald de Andrade.

Refletindo sobre as relações entre cultura letrada, periodismo e vida urbana no início do processo de formação da metrópole paulistana, Heloisa de Faria Cruz identifica a importância da imprensa escrita na difusão de novos modos de viver dos diferentes grupos sociais na cidade de São Paulo em sua obra *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*, publicado pela EDUC/Imprensa Oficial SP, 2000.

Vale ressaltar que as transformações da vida social e cultural das elites no processo de reurbanização das cidades no início do século XX têm sido objeto de pesquisa de muitos trabalhos, como *Belle Époque tropical – sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século* de Jeffrey Needell e *Estilo tropical* de Roberto Ventura, bem como a reconstituição minuciosa e fascinante que Nicolau Sevcenko faz sobre a *belle époque* carioca, em sua obra *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, na qual articula periódicos e literatura de fins do século XIX e início do XX, para analisar e interpretar o processo de

transformação nos planos da política, economia e cultura pelo qual passava a cidade do Rio de Janeiro nos primeiros anos da República, porém, destacando seus estudos sobre a *belle époque* carioca.

A *belle époque* pode ser localizada num quadrante de relativa paz social e prosperidade econômica, situado entre os fins do século XIX e a Primeira Guerra. O período foi inegavelmente interessante e, sem dúvida, vantajoso para a parcela da população que dispunha de tempo e fartos recursos financeiros para usufruir das benesses materiais, intelectuais e artísticas, então em curso, conforme apontam Ângela Marques da Costa e Lilia Moritz Schwarcz, na obra *Virando os séculos (1890-1914) – no tempo das certezas* (2000).

No Brasil, a aurora do regime republicano trouxe consigo o desejo de livrar o país do que consideravam “atraso”, atribuído ao passado colonial e imperial. As ideias de progresso, civilização, modernidade e bom-gosto que provinham da Europa, sobretudo de Paris e Londres, marcaram definitivamente as características, a vida e as construções das principais cidades no Brasil. O desejo de se parecer com a Europa se revelou de maneira espantosa no país, influenciando o modo de vida dos brasileiros no começo do século XX, como aponta Paulo César Garcez Marins no seu artigo “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras”, na obra *História da vida privada no Brasil – República: da belle époque à era do rádio* (1998):

Urgia ‘civilizar’ o país, modernizá-lo (...). As grandes capitais da jovem República constituíam um horror a qualquer um que estivesse habituado aos padrões arquitetônicos e sanitários de grandes capitais europeias, como, Paris, Londres, Viena e São Petersburgo, a Nova York e Washington, ou mesmo às cidades secundárias dos países centrais.

Assim como o Rio de Janeiro, São Paulo, de modo semelhante, porém específico, também evidenciou as mudanças trazidas com as reformas urbanas que abriram espaço para um mundo elegante fascinado com a Europa, mais especificadamente com Paris, o centro da moda na época, o lugar mais chique para se copiar. Como descreveu o jurista paulista Jorge

Americano em seu livro de memórias *São Paulo naquele tempo: 1895-1915* (2004):

Na Avenida Rio Branco (lado da sombra) fazia-se o footing, como em Londres (houve senhoras que disseram em francês faire le trottoir). Na praia de Botafogo, como em Nice, travavam-se batalhas de flores.(...). São Paulo fez o footing na Avenida Higienópolis, as batalhas de flores e o corso na Avenida Paulista, e muita gente montou a cavalo na Rua Barão de Itapetininga. Mas São Paulo devia fazer mais que o Rio. Então, como em Balmoral ou em Windsor, São Paulo fez a caça à raposa.

Para esmiuçar o cotidiano dos paulistanos no início do século XX serão usadas como fontes documentais a imprensa periódica, que se apresenta como um corpo documental importante, pois como aponta a professora Heloisa de Faria Cruz, em *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915* (2000):

[...] é através dessas folhas e revistas que melhor podemos perceber as transformações dos modos de vida informais que constituem a metrópole em formação. Aí ganham visibilidade novos hábitos e costumes urbanos. Nelas, a imprensa mistura-se muito mais ao dia a dia dos habitantes da Pauliceia – as primeiras menções encontradas referindo-se à cidade como Pauliceia aparecem no final dos anos 80 do século XIX, numa folha intitulada A Pauliceia (1888)

Consultando o inventário *São Paulo em revista: catálogo de publicações da Imprensa Cultural e de variedade paulistana 1870-1930*, organizado pela referida professora optou-se por realizar a pesquisa das fontes documentais no Arquivo do Estado de São Paulo e na Escola de Comunicações e Artes/USP (ECA) onde está reunida boa parte dos periódicos escolhidos.

Publicações sofisticadas como *A Vida Moderna* que circulavam na capital paulista nos primeiros anos do século XX se identificavam com as novas formas de sociabilidade e convívio que surgiam na cidade em meio à sua urbanização e funcionavam, conforme a já citada Heloisa de Faria Cruz:

[...] como verdadeiros álbuns da vida social das elites dominantes, atraindo leitores que compõem seu repertório de personagens e situações e projetando para outras camadas sociais os padrões do viver e pensar do mudanismo internacional. Referindo-se às melhores temporadas dos melhores teatros e das companhias francesas diante

das quais ‘a sociedade paulista faz toilettes e ensaia poses’, ao carnaval paulista que ‘veste *smoking*, usa luva branca, agita uma *badine* de castão de ouro e fixa na impertubável órbita ocular o monóculo elegante’, ao *trottoir* das senhoras elegantes na rua Direita, na porta da Casa Alemã ou da Casa Kosmos, ao domingo no Prado da Mooca, tais publicações dão visibilidade e demarcam práticas, espaços e hábitos através dos quais a burguesia paulistana, antes reclusa às fazendas, aos saraus íntimos e a outros poucos ambientes fechados, ocupa publicamente a cidade.

Nesse caminho, o principal objetivo desse trabalho será refletir sobre a vida urbana na cidade de São Paulo nas décadas iniciais do século XX, ou seja, analisar como os paulistanos vivenciaram no cotidiano as transformações urbanas do período conhecido como *belle époque*.

A Pauliceia de ontem

Antonio Prado: – A minha Pauliceia, meu caro Passos, vai passar por tão grandes transformações que passará a perna à tua Carioca...

Passos: – Que?! Ao Rio de Janeiro com sua Avenida Beira-Mar, o seu Botafogo, a sua Copacabana, o seu Corcovado, a sua Tijuca, as suas ilhas?!... Qual!... Não duvido que São Paulo fique na pontíssima em aspecto de modernismo; mas chegar ao Rio!... Isso mais devagar!

Antonio Prado: – Pois você vai ver, *seu* Passos. A cidade carioca já está um tanto passada, ao passo que, passando os projetos paulistas, você passará a ver com quantos paus se faz uma canoa...

Passos: – Passarei... passarei... Mas, passada a impressão da fita, passaremos todos reconhecer que São Paulo e Rio de Janeiro podem passar muito bem com suas belezas próprias, como amigos dos passos do progresso e não como rivais que passam rasteiras uma à outra...

Charge de Storni, *O Malho*. Rio de Janeiro (1911), s/p.

Mais precisamente a partir da década de 1870, São Paulo torna-se palco para transformações socioeconômicas, urbanísticas físicas e demográficas, haja vista que as mais importantes realizações urbanísticas do final do século foram a abertura da Avenida Paulista (1891), que fazia concorrência com os bairros chiques dos Campos Elíseos e Higienópolis e a construção do Viaduto do Chá (1892), que promoveu a ligação do "centro

velho" com a "cidade nova", formada pela Rua Barão de Itapetininga e adjacências.

São Paulo não parava de crescer. Em 1899 a cidade, até então administrada por intendentes, tem seu primeiro prefeito: Antonio da Silva Prado, ex-conselheiro do império, fazendeiro, industrial e influente paulista que permaneceu no cargo até 1911. Durante sua administração as intervenções urbanas realizadas no centro da cidade tinham como meta o embelezamento e o saneamento. Na virada do século a cidade parecia um canteiro de obras.

Ao longo da administração de Antonio Prado, ruas, praças e becos foram remodelados ou desapareceram, em nome da civilização. A Avenida Angélica foi aberta; ruas e avenidas arborizadas à maneira inglesa; o Jardim da Luz e a praça da República remodelados e o centro da cidade – o Triângulo, formado pelas ruas Direita, Quinze de novembro e São Bento – ganha ares europeus.

Para dar curso às obras de urbanização contratou-se os serviços do escritório de arquitetura de Francisco de Paula Ramos de Azevedo, paulistano que concluiu o curso de Engenharia e Arquitetura da Universidade de Gante, na Bélgica, em 1878, passando a ser o “arquiteto oficial da cidade”, responsável pelas principais obras públicas realizadas, como: o Liceu de Artes e Ofícios (1900) e a segunda estação da Estrada de Ferro Sorocabana (1914), ambos no bairro da Luz; o portal e o necrotério do Cemitério da Consolação (1902), Theatro Municipal (1900-1911) – cópia do Ópera de Paris entre vários outros marcos arquitetônicos da cidade de São Paulo, além de várias casas para as elites que estabeleceram o modo elegante de habitar da burguesia do café na passagem do século XIX para o XX. Suas obras caracterizaram-se pela monumentalidade e suntuosidade no processo de modernização e embelezamento da cidade e visavam colocá-la ao lado das principais cidades burguesas da época.

Já no período de Raimundo Duprat que ocupou a prefeitura entre 1911 e 1914, essas intervenções baseadas no plano de remodelação do arquiteto e urbanista francês Joseph Antonie Bouvard, diretor dos Serviços de

Arquitetura, Passeios, Viação e Plano de Paris objetivaram descongestionar o centro da cidade dando prioridade à área do vale do Anhangabaú e imediações. Dando continuidade aos projetos de Antonio Prado, pretendia-se modernizar a cidade e isso significava embelezar com a construção de novos edifícios, jardins e praças elegantes e mais avenidas alargadas.

Perseguir o moderno generalizou-se como uma aspiração presente na cidade, nos seus gestores e na burguesia paulistana. Os velhos casarões de taipa foram demolidos, construía-se uma cidade em colinas arejadas e iluminadas. A elite foi ocupando bairros com infra-estrutura como Campos Elíseos e Higienópolis, atingindo os altos da Avenida Paulista, erguendo palacetes aos moldes europeus, surgindo novas maneiras de morar e viver que incorporaram mudanças de hábito associadas às noções de civilização, luxo e elegância.

Todas essas alterações levaram a mudanças aceleradas nos comportamentos da população local, que passa a transitar pelas ruas da cidade, “a ‘boa sociedade’ descobre os hábitos sociais, os bailes, o turfe e as noites no teatro”, como nos mostram Ângela Marques da Costa e Lilia Moritz Schwarcz, na obra *Virando os séculos (1890-1914) – no tempo das certezas* (2000) e, conforme observa-se na nota da edição de Natal da revista *A Vida Moderna* de 25/12/1907, que elogia a distinta diretoria do clube Grêmio Dramático Recreativo Paulista, pelo capricho na organização do animadíssimo soirré dançante e pela atenção dedicada aos convidados, realizado no dia 21 de dezembro de 1907.

Na *belle époque* paulistana, a elite buscava novas formas de sociabilidade e lazer, inspiradas nos elegantes hábitos europeus, principalmente na Paris haussmaniana.

Em Paris, entre 1853 e 1870, as grandes reformas urbanas foram apoiadas pelo imperador Luis Napoleão e empreendidas pelo barão Georges Eugène Haussmann. Essas reformas parisienses procuravam alcançar dois objetivos básicos: o embelezamento e a funcionalidade da cidade. Para se pôr em prática esse programa foram estabelecidas três metas: a abertura de ruas espaçosas e largas e de grandes avenidas arborizadas (bulevares),

seguidas de praças: a destruição e o desmembramento de muitos bairros populares e saneamento de outros e, finalmente a construção de grandes edifícios, a reforma de prédios antigos e a adaptação do modelo de parques londrinos a Paris.

Na cidade de São Paulo no começo do século XX a ampla remodelação do espaço urbano, as interferências urbanísticas, a ordenação e o embelezamento do espaço físico, constituíram o cenário de uma importante mutação nos modos de sociabilidade, inspirados pelas referências do mundo europeu, bem como, a definição de novas regras do modo correto de viver, sentir, pensar e agir.

Os padrões considerados civilizados de comportamento e convívio social foram progressivamente adotados pelas elites dominantes. Ser civilizado era ter boas maneiras, saber e praticar etiqueta, ser polido, falar corretamente e vestir-se conforme a moda enfim, era ser bem educado.

As elites procuraram impor o seu novo modo de vida, percebido como moderno, tentando erradicar hábitos populares vistos como atrasados ou perigosos, seja expulsando os “indesejáveis”, seja protegendo seus bairros com muralhas invisíveis, como analisa Margareth Rago em seu artigo “A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950”, na obra organizada por Paula Porto *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX* (2004).

Assim, passaram a freqüentar espaços que espelhavam o requinte da sociabilidade europeia, como teatros, cinemas, restaurantes e cafés, participavam de saraus literários, audições musicais, competições esportivas de natação, remo e ciclismo. A elite ampliava seus espaços de lazer freqüentando clubes recreativos privados, como o Hipódromo da Mooca, o Velódromo na Rua da Consolação e o Jockey Clube, como podemos observar na nota daseção “Notas Sportivas” da revista *A vida Moderna*, edição nº 218 de 23/04/1914:

Mais uma corrida realizou domingo passado e vélho Jockey Club, o que vale dizer que mais um triumpho alcançou. Attrahidos por um programma interessante, do qual fazia parte ‘ O Grande Premio Hippodromo Paulistano’ de 5:000\$000 ao vencedor e pela excellencia do dia, innegavelmente idéal para reuniões são ar livre, os nossos

turfmen acorreram em massa ao elegante prado da Moóca (...). O movimento geral das apostas foi de26:604\$000.

Nesse sentido, a presente pesquisa pretende refletir sobre a vida urbana na cidade de São Paulo nas décadas iniciais do século XX, haja vista que a urbanização da cidade se definiu em grande parte por um processo de privatização da vida pública, segundo o modelo higiênico de vida e lazer das elites, como destaca Margareth Rago em seu artigo “A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950”, na obra organizada por Paula Porto *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX* (2004), (...) “a ‘sociedade do café’ investiu na redefinição do espaço público, onde imperasse a respeitabilidade burguesa e em que os padrões ‘civilizados’ de comportamento e sociabilidade, progressivamente adotados no universo patriarcal da elite cafeicultora dos industriais emergentes, fossem exportados para toda a Cidade”.

Espera-se alcançar com este estudo uma melhor compreensão da época e do viver urbano da sociedade paulistana durante a intrigante época conhecida como belle époque. Sem a pretensão de esgotar o assunto, espera-se ainda contribuir para alargar o conhecimento sobre essa época fascinante.

NOTAS

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da PUC-SP, sob orientação de Prof^ª. Dr.^ª Heloisa de Faria Cruz.

E-mail: nadiabraglia@hotmail.com

¹ Neste sentido ver: Hugo Segawa, *Alguns aspectos da arquitetura e do urbanismo em São Paulo na passagem do século*, FAU/USP (1979); Maria C. da S. Leme, *Um estudo sobre o planejamento em São Paulo, 1930*, FAU/USP (1990); Maria Cecília Naclério Homem, *O Palacete Paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira – 1867 – 1918* (1996); Raquel Rolnick, *O que é cidade* (1995) e Diana Danon e Benedito L. de Toledo, *São Paulo: Belle Époque* (1974).

² SEVCENKO, Nicolau. Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.